

Resenha

Networked: the new social operating system

(RAINIE, Lee; WELLMAN, Barry. Massachusetts: MIT Press, 2012, 376 p.)

Miriam Souto Maior BARROS¹

A obra "*Networked: The New Social Operating System*" trata de temas contemporâneos que carecem de uma reflexão aprofundada justamente por estarem tão presentes na realidade de diversos cidadãos pelo mundo: a vida do ser conectado, aquele que está diante, diariamente, de práticas comunicacionais adaptadas ao mundo digital.

Unindo de forma remota dois autores dedicados ao tema, nos deparamos com Lee Rainie (diretor do "*Pew Research Center's Internet & American Life Project*", uma "plataforma" sem fins lucrativos que estuda o impacto social da internet) que enriquece o conteúdo da discussão abordada pelo livro com estatísticas relacionadas ao uso de tecnologias de comunicação, analisando, durante grande parte da obra, o povo americano.

Complementando a leitura, o professor Barry Wellman partilha seu conhecimento através de seus estudos em redes (comunidades, de comunicações, de computador e sociais). A leitura é oportuna principalmente para aqueles que estão inseridos nos meios comunicacionais digitais e buscam compreender melhor os elementos da vida social dos indivíduos reconfigurados pela cibercultura.

Os autores preocupam-se em traçar de forma efetiva um panorama do surgimento do "individualismo conectado" através da criação e evolução dos aparatos tecnológicos que possibilitaram, cada vez mais, a autonomia e o manuseio das redes criadas por cada indivíduo e as mudanças consequentes da comunicação neste universo atual.

O livro é dividido em 3 partes, totalizando 11 capítulos. A primeira parte inicia-se com uma introdução ao conceito de "individualismo conectado" (onde o indivíduo é

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. E-mail: miriamsmb@gmail.com

o foco), sendo denominado de "sistema operacional" por descrever as maneiras como pessoas conectam-se, comunicam-se e trocam informações.

Em seguida temos o primeiro contato com o conceito de Revolução Tripla: o surgimento e aperfeiçoamento da rede social (relações entre indivíduos tornaram-se mais diversificadas), da internet (acesso e busca de informações tornou-se mais preciso e facilitado) e do *mobile* (tecnologias comunicacionais, tornando-se extensões do homem e permitindo o acesso à pessoas e informações em qualquer lugar). Ao fim do primeiro capítulo, Rainie e Wellman questionam se a Revolução Tripla causa um bom ou mau impacto para a sociedade, indagação essa que será explorada durante todo o livro.

Para ilustrar de forma efetiva o conceito de “individualismo conectado” proposto por Lee Rainie e Barry Wellman, somos apresentados à história do casal Trudy e Peter Johnson-Lenz, que tomou consciência da força do compartilhamento na *web* quando Trudy acidentou-se, batendo com a cabeça em uma pedra e ficando inconsciente. Após leva-la à emergência, Peter utilizou seu celular para tirar uma foto da cabeça de sua esposa com curativos e enviou-a por e-mail para alguns amigos, junto à descrição do ocorrido. Após cerca de 36 horas, aproximadamente 150 pessoas enviaram e-mails para o casal com poemas e mensagens carinhosas, oferecendo ajuda e orações.

No capítulo seguinte, a revolução tripla começa a ser destrinchada, iniciando-se pela revolução das redes. Vemos que a revolução da rede social aconteceu antes mesmo da revolução da internet e dos *mobiles*. Com o surgimento de veículos automotivos e o crescimento de telecomunicações acessíveis, a comunicação e a busca por informações tornou-se cada vez mais poderosa e pessoal.

Em “*The Internet Revolution*”, ficamos cientes de que o “individualismo conectado” estendeu seu alcance através da internet, ao obter novas ferramentas que possibilitaram a criação de conteúdo, busca de informações, formação de grupos que atendam suas necessidades e facilidade em fazer-se ouvir em diversas redes, a quem possa interessar.

O capítulo seguinte aborda a terceira fatia da Revolução Tripla: a Revolução *Mobile*. Após sermos introduzidos ao contexto histórico de surgimento da tecnologia *mobile*, Rainie e Wellman nos trazem três conceitos interacionais interpretados por cientistas comunicacionais e psicólogos: “Presença conectada” (as pessoas podem

atualizar seus amigos sobre suas vidas sem que necessariamente tenham que esperar pelo próximo encontro cara a cara), “ausência presente” (o uso de aparelhos de comunicação permitem que estejamos em um lugar, mas que nossa atenção social e comunicacional esteja focada em outro espaço) e “presença ausente” (quando trazemos algum amigo que está fisicamente distante para dentro das conversas em grupo, incorporando-o ao encontro através de conexões em rede).

Após compreendermos os aspectos de cada parte da Revolução Tripla, nos deparamos com um interlúdio em que os autores trazem uma reflexão através do relato feito pela garota Maya, que descreve um dia como outro qualquer em sua vida. Em seu relato é possível perceber que Maya utiliza diversas formas de comunicar-se com conhecidos tanto no trabalho quanto durante outros afazeres, sem que sua produtividade seja afetada em qualquer escala.

A segunda parte do livro, “*How Networked Individualism Works*” ilustra a maneira como dão-se as relações pessoais, em família e no trabalho das pessoas conectadas, além de mostrar como, atualmente, é possível que cada um torne-se autor dentro do universo da cibercultura, através do livre processo de criação e compartilhamento em rede. Por último, vemos como a informação é criada, distribuída e acessada no ciberespaço.

É possível perceber, no capítulo 5, que Rainie e Wellman buscam reforçar a ideia de que os usuários mais assíduos de internet não possuem uma “segunda vida” ou “segunda personalidade”. Com exceção dos *gamers* intensos (nesse momento os autores citam os estudos de Sherry Turkle em *The Second Self*, 2005), as interações reais e online estão sempre entrelaçadas, provando que modos de comunicar-se como mensagem, *e-mail*, diálogos no *Facebook* e publicações ou mensagens diretas no *Twitter* estão presentes no dia a dia de muitos usuários que desejam manter-se conectados.

Mesmo sem deixar de reforçar em nenhum momento seu posicionamento como *techno*-entusiastas, Lee Rainie e Barry Wellman procuram mostrar as diversas visões a respeito da internet como abrangência dos meios de comunicação: alguns a enxergam como uma forma de gerar maior interação entre as pessoas e diminuir fronteiras, enquanto muitas pessoas ainda a veem como uma forma de alienação e isolamento.

Durante o capítulo, compreendemos como as conexões migraram de porta a porta (período pré-industrial, sendo sua rede formada por pessoas que moram perto, como vizinhos) para “lugar a lugar” e em seguida para “pessoa a pessoa”, através de conexões personalizadas e móveis, dando vida às redes individuais.

Em “*Networked Families*”, percebemos a mudança de estrutura familiar após o surgimento do conceito de “individualismo conectado”. O capítulo reúne um apanhado de diversas famílias que utilizam a web de modo comunitário, seja estudando, procurando itens para casa ou para o lazer (o que costuma ainda acontecer diante da televisão).

De maneira paradoxal, os instrumentos tecnológicos fizeram crescer a autonomia de cada membro da família garantindo maior privacidade entre eles ao mesmo tempo que todos estão, de fato, mais conectados entre si.

Rainie e Wellman abordam, em seguida, a discussão sobre “*Networked Work*”, trabalho em rede. Somos apresentados ao conceito de “*teleworkers*”, trabalhadores que exercem parte ou sua função completa de forma remota, em casa, hotel, cafés etc. Isso tornou-se possível pela presença constante de *smartphones*, *tablets* e internet no serviço. Durante o capítulo, dados estatísticos de pesquisas feitas pela *Pew Internet & American Life Project* mostram as práticas comunicacionais e estratégias de produção adotadas pelos *teleworkers*.

O capítulo 8 mostra as diferentes formas de criar conteúdo nas redes. As barreiras entre produtores e consumidores estão cada vez menos esmaecidas, já que as redes possibilitam que amadores também possam participar de arenas que anteriormente só eram desenvolvidas por profissionais. Os dispositivos tecnológicos permitem uma possibilidade de diálogo maior, especialmente com figuras públicas que anteriormente eram impossíveis de serem alcançadas.

No fim do capítulo, Rainie e Wellman dissertam sobre as vantagens de ser um “criador conectado”: oportunidade de expressar-se, aprender, participar de espaços colaborativos, conectar-se com a comunidade e, em alguns casos, construir o prelúdio de uma grande glória (exemplo: artistas se promovendo na *web* e alcançando o estrelato internacional).

Em “*Networked Information*” os estudos estão voltados para o modo como consumimos, criamos e buscamos informações na internet. Ao comparar-se com as

informações enviadas às mídias tradicionais, as notícias em formato digital providenciam mais oportunidades para as pessoas conectadas interagirem com os jornalistas e autores das matérias, tornando possível o compartilhamento de seus pontos de vista.

Através da grande variedade de informações disponível nas redes, os usuários podem navegar por novos materiais e distanciar-se dos que são orientados pela massa. Rainie e Wellman afirmam que busca e descoberta tornaram-se primas, porque a partir do momento que um indivíduo busca por um assunto específico, existe o risco de descobrir-se novas informações que ele próprio não estava a procurar.

Ao final da segunda parte da obra, nos deparamos com mais um interlúdio: dessa vez a estudante Justine Abigail Yu descreve a logística de suas comunicações na era da hiperconexão por três dias. No fim do relato, Justine faz uma reflexão sobre seu próprio modo de comunicar-se com sua rede pessoal e comenta que tecnologias online e móveis tem uma presença constante em sua vida, principalmente quando trata-se de trazer todo esse contato para a “vida real”, junto a seus amigos.

Ao chegarmos à última parte do livro, Lee Rainie e Barry Wellman buscam reafirmar a ideia que durante toda a obra já vem sendo defendida: as relações mediadas pelo computador não são prejudiciais à sociabilidade dos indivíduos:

Where the commentators had been afraid that the internet would wither in-person ties, it is clear that they enhance and extend them. It is not an either in-person OR online dichotomy; it is an in-person AND the internet AND mobile contact comprehensiveness. They all intertwine in the ecology of the relationship. (RAINIE, WELLMAN. 2012. Thriving as a Networked Individual. Cap. 10)²

Nesse capítulo, depara-se com uma recapitulação e reiteração de ideias, que reforçam a praticidade com que são buscadas informações relevantes e a facilidade que nós temos de contarmos nossa própria história na era das mídias sociais.

O décimo primeiro e último capítulo mostra possíveis futuros para o “individualismo conectado”, levantando questões como capacidade de computadores (*hardware*), a miniaturização da tecnologia, representação do mundo através de gráficos digitais, capacidade de armazenamento de dispositivos tecnológicos, convergência do mundo digital com o real (realidade aumentada, mundos espelhados, mundos virtuais

² Onde os comentaristas tinham medo de que a internet pudesse murchar os laços pessoais, fica claro que ela os aumenta e estende. Não é uma dicotomia pessoal OU online; é uma abrangência de contato pessoal E de internet E mobile. Todos eles se entrelaçam na ecologia das relações. (Tradução livre)

etc.) e a convergência entre social, internet e *mobile*. A partir das questões levantadas, Rainie e Wellman descrevem dois possíveis futuros, divergentes entre si: o primeiro ilustra a vida do homem sendo totalmente integrada à tecnologia, o indivíduo livre e capaz de se deslocar, comunicar e informar-se sem que seja necessário sair de casa.

O segundo futuro mostra um mundo emparedado, em que as tecnologias e dados de todos os indivíduos são controlados por uma grande corporação, transformando humanos em seres paranoicos ao enxergarem-se vigiados, procurando esconder ao máximo todos os seus passos.

Apesar das mudanças, o sistema operacional de redes está sendo construído, o que significa:

[...] that the foreseeable future holds the prospect that individuals will be able to act more independently with greater power to shape their lives, if they choose to do so and if the circumstances will enable them to do so. (RAINIE, WELLMAN. 2010. *The Future Will Be What It Will Be*. Cap 11.)³

Conclui-se, dessa forma, que a obra é imprescindível para aqueles que desejam compreender como ocorreram as mudanças comunicacionais e para que possíveis futuros podemos ser levados. Mudanças essas que transformaram indivíduos em pessoas capazes de criarem suas próprias redes, fugindo do modelo tradicional instaurado no período pré-industrial: hoje estamos possibilitados a tecermos nossa própria teia, buscarmos as informações que nos são caras e até mesmo de sermos autores independentes em um mundo onde, anteriormente, poucos conseguiam fazer-se ouvir.

Mesmo sendo impossível prever o que o futuro guarda para as instâncias comunicacionais, é inegável a constante reformulação nos modos como interagimos com o que existe ao nosso redor: família, amigos, trabalho etc. Somos capazes de gerenciarmos cada relação singular que possuímos com o mundo. Podemos escolher com quem nos relacionamos em um plano no qual não existem mais barreiras comunicacionais e que a ausência física não torna um indivíduo necessariamente ausente.

A obra pode ser considerada de grande utilidade para o enriquecimento de estudos voltados para práticas comunicacionais por abordar as diferentes instâncias afetadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação na sociedade das

³ Isso significa que no futuro previsível mantém-se a perspectiva de que as pessoas serão capazes de agir de forma mais independente e com poder maior de moldar suas vidas, se elas optarem por fazê-lo e se as circunstâncias lhes permitirem. (Tradução livre)

pessoas conectadas, desde suas relações sociais até seu potencial de, como indivíduo autônomo, buscar, criar, gerenciar e compartilhar conteúdo em rede.